

VIDA E MINISTÉRIO DOS PRESBÍTEROS À LUZ DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Dom Geraldo Lyrio Rocha
Arcebispo Emérito de Mariana-MG

1. INTRODUÇÃO

SEGUE-ME!

Jo 21,15-19

Iniciamos nosso retiro com essas palavras do Quarto Evangelho. Em seu Tratado sobre o Evangelho de João, diz Santo Agostinho: “O Senhor interrogou sobre o que já sabia, não só uma vez, mas duas e três vezes: se Pedro o ama. De todas as vezes ouve uma só resposta, que Pedro o ama. E, em toda elas confia a Pedro o pastoreio de suas ovelhas [...]. Quem apascenta as ovelhas de Cristo como se fossem suas, não ama a Cristo mas a si mesmo. Contra esses, que também o apóstolo censura dizendo que procuram os próprios interesses e não os de Cristo, estas palavras que o Senhor repete insistentemente são uma séria advertência. Então que quer dizer: *Tu me mas? Apascenta as minhas ovelhas* (Jo 21,17) se não: Se me amas, não penses em te apascentar a ti mesmo, mas as minhas ovelhas: apascenta-as, considerando minhas, não tuas; procura nelas minha glória, não a tua, meus interesses, não os teus; não sejas daqueles que nos tempos de perigo só amam a si mesmos e tudo o que devia deste princípio, que é a raiz de todo mal” (LH, vol. I, p. 1032).

Na meditação, na capela da Casa Santa Marta, no dia 06 de junho de 2014, disse o Papa Francisco: “Os sacerdotes, mais do que homens de estudos, são pastores; não podem nunca se esquecer de Cristo, seu ‘primeiro amor’, e devem permanecer sempre do seu lado”. O papa fez referência a esse diálogo do evangelho em que Cristo pergunta três vezes ao primeiro dos apóstolos se ele o ama. O Papa Francisco convidou os bispos e os presbíteros a se perguntarem se continuam fascinados por Jesus, como ‘no primeiro dia’, ou se “o trabalho e as preocupações me fazem olhar para outras coisas e esquecer um pouco o amor”. O Papa Francisco nos

convidou a nunca nos esquecermos do primeiro amor e mencionou alguns aspectos a serem levados em conta na relação de diálogo entre um sacerdote e Jesus. Devemos ser, acima de tudo, um pastor, como Jesus pediu a Pedro: "Apascenta as minhas ovelhas". O restante, afirma o Papa, vem depois. [...] "E as mãos do Bispo sobre a nossa cabeça nos constituiu pastores". [...] A 'palavra mais forte' com que Jesus termina a sua conversa com Pedro é 'SEGUE-ME', recordou o papa, explicando: "Se nós perdemos a orientação e não sabemos como responder sobre o amor, também não sabemos como responder sobre ser pastores [...]. Ele diz: 'Segue-me'. E esta é a nossa certeza. Nas pegadas de Jesus. Neste caminho. 'Segue-me'. Que Deus nos dê sempre a graça de seguir Jesus, as pegadas de Jesus".

Como está hoje o meu primeiro amor? Continuo encantado por Jesus Cristo como no primeiro dia? Estou feliz com ele ou o ignoro? São perguntas que temos que fazer com frequência", disse o Papa. "Ele nos pergunta todos os dias, como perguntou a Pedro: 'tu me amas?' "Sou pastor ou sou um empregado de uma ONG que eu chamo de Igreja"?

O Papa Francisco, na homilia de Domingo da Ramos (14.04.2019), advertiu que "O triunfalismo procura tornar a meta mais próxima por meio de atalhos, falsos comprometimentos. Aposta na subida para o carro do vencedor. O triunfalismo vive de gestos e palavras, que não passaram pelo cadinho da cruz; alimenta-se da comparação com os outros, julgando-os sempre piores, defeituosos, falhados... Uma forma sutil de triunfalismo é a mundanidade espiritual, que é o maior perigo, a mais perversa tentação que ameaça a Igreja (Henri de Lubac). Jesus destruiu o triunfalismo com a sua Paixão".

Em sua homilia, na Missa do Crisma de 2014, disse o Papa Francisco: "Amados irmãos no sacerdócio! O Senhor ungiu-nos em Cristo com óleo da alegria, e esta unção convida-nos a acolher e cuidar deste grande dom: a alegria, o júbilo sacerdotal. A alegria do sacerdote é um bem precioso tanto para si mesmo como para todo o povo de Deus: do meio deste povo fiel, o sacerdote é chamado para ser ungido e ao mesmo povo é enviado para ungir. Ungidos com óleo de alegria para ungir com óleo de alegria. A alegria sacerdotal tem a sua fonte no Amor do Pai, e o Senhor deseja que a alegria deste amor «esteja em nós» e «seja completa» (Jo 15, 11). /.../. O Papa nos apresenta as três irmãs da alegria: Pobreza, fidelidade e obediência.

A alegria do sacerdote tem como irmã a pobreza. O sacerdote é pobre de alegrias meramente humanas: renunciou a tantas coisas! E, visto que é

pobre – ele que tantas coisas doa aos outros –, a sua alegria deve pedi-la ao Senhor e ao povo fiel de Deus. Não deve buscá-la ele mesmo /.../. Muitos, falando da crise de identidade sacerdotal, não têm em conta que a identidade pressupõe pertença. Não há identidade – e, conseqüentemente, alegria de viver – sem uma ativa e empenhada pertença ao povo de Deus (cf. EG, 268). O sacerdote que pretende encontrar a identidade sacerdotal indagando introspectivamente na própria interioridade, talvez não encontre nada mais senão sinais que dizem «saída»: sai de ti mesmo, sai em busca de Deus na adoração, sai e dá ao teu povo aquilo que te foi confiado, e o teu povo terá o cuidado de fazer-te sentir e experimentar quem és, como te chamas, qual é a tua identidade e te fará rejubilar com aquele cem por um que o Senhor prometeu aos seus servos. Se não saís de ti mesmo, o óleo torna-se rançoso e a unção não pode ser fecunda. Sair de si mesmo requer despojar-se de si, comporta pobreza.

A alegria sacerdotal tem como irmã a fidelidade. Não tanto no sentido de que seremos todos «imaculados» (quem dera que o fôssemos, com a graça de Deus!), dado que somos pecadores, como sobretudo no sentido de uma fidelidade sempre nova à única Esposa, a Igreja. Aqui está a chave da fecundidade. Os filhos espirituais que o Senhor dá a cada sacerdote, aqueles que batizou, as famílias que abençoou e ajudou a caminhar, os doentes que apoia, os jovens com quem partilha a catequese e a formação, os pobres que socorre... todos eles são esta «Esposa» que o sacerdote se sente feliz em tratar como sua predileta e única amada e ser-lhe fiel sem cessar. É a Igreja viva, com nome e sobrenome, da qual o sacerdote cuida na sua paróquia ou na missão que lhe foi confiada, é essa que lhe dá alegria quando lhe é fiel, quando faz tudo o que deve fazer e deixa tudo o que deve deixar contanto que permaneça no meio das ovelhas que o Senhor lhe confiou: «Apascenta as minhas ovelhas» (Jo 21, 16.17).

A alegria sacerdotal tem como irmã a obediência. Obediência à Igreja na Hierarquia que nos dá, por assim dizer, não só o âmbito mais externo da obediência: a paróquia à qual sou enviado, as faculdades do ministério, aquele encargo particular... e ainda a união com Deus Pai, de quem deriva toda a paternidade. Mas também a obediência à Igreja no serviço: disponibilidade e prontidão para servir a todos, sempre e da melhor maneira, à imagem de «Nossa Senhora da Prontidão» (cf. Lc 1,39: *meta spoudes*), que acorre a servir sua prima e está atenta à cozinha de Caná, onde falta o vinho. A disponibilidade do sacerdote faz da Igreja a Casa de portas abertas, refúgio para os pecadores, lar para aqueles que vivem na rua, casa de tratamento para os doentes, acampamento para os jovens, sessão de catequese para as crianças da Primeira Comunhão... Onde o povo de Deus tem um desejo ou uma necessidade, aí está o sacerdote que sabe

escutar (*ob-audire*) e presente um mandato amoroso de Cristo que o envia a socorrer com misericórdia tal necessidade ou a apoiar aqueles bons desejos com caridade criativa.

Para nos motivar em nosso retiro, recordemos o que nos diz São João Paulo II, na Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*: “As palavras do Apóstolo ao bispo Timóteo ‘exorto-te a que reanimes o dom de Deus que está em ti’ (2 Tm 1, 6) podem legitimamente aplicar-se àquela formação permanente, à qual são chamados todos os sacerdotes por força do ‘dom de Deus’ que receberam na sagrada ordenação. Elas nos introduzem na compreensão da verdade plena e da originalidade inconfundível da formação permanente dos presbíteros. Nisto somos ajudados também por um outro texto de Paulo, que escreve ao mesmo Timóteo: ‘Não descuides o dom espiritual que recebeste e que te foi concedido por uma intervenção profética, com a imposição das mãos dos presbíteros. Atende a estas coisas e ocupa-te nelas com todo o empenho, a fim de que o teu aproveitamento seja manifesto a todos. Cuida de ti mesmo e do teu ensino; insiste nestas coisas, porque, fazendo isto, salvar-te-ás a ti mesmo e aos outros que te escutam’ (1 Tm 4, 14-16) (PDV 70). O Apóstolo pede a Timóteo para ‘reanimar’, ou seja, para reacender o dom divino, como se faz com o fogo sob as cinzas, no sentido de acolhê-lo sem nunca perder ou esquecer aquela ‘novidade permanente’ que é própria de todo o dom de Deus, daquele que faz novas todas as coisas (cf. *Ap 21, 5*) e, portanto, de vivê-lo na sua inesgotável pujança e beleza original”.

Em seu discurso aos presbíteros, religiosos(as) e seminaristas em Trujillo, por ocasião de sua visita ao Peru, aos 20 de janeiro de 2018, diz o Papa Francisco que é preciso “olhar para as nossas raízes, para o que nos sustenta no curso do tempo, nos sustenta no curso da história para crescer rumo ao Alto e dar fruto. As raízes. Sem raízes, não há flores, não há frutos. Dizia um poeta que, tudo aquilo que a árvore tem de florido, provém da parte dela que está debaixo da terra, das raízes. As nossas vocações sempre terão esta dupla dimensão: raízes na terra e coração no céu. Não esqueçais isto. Quando falta uma das duas, algo começa a correr mal e a nossa vida pouco a pouco definha (cf. *Lc 13, 6-9*), como definha uma árvore que não tem raízes”.